

A ESCRITURA ELUCIDANDO A ESCRITA ou EVOLUÇÕES DA ORTOGRAFIA EM FOOT-BALL DE SÉRGIO MILLIET

Há, em meio à correspondência passiva de Mário de Andrade, um conto autógrafa de Sérgio Milliet, em cinco folhas, sem data e intitulado *Foot-ball*.⁽¹⁾ Nele, a estória - bem ao gosto dos nossos melhores cronistas - das expectativas febris que tomam conta de Therezinha, às vésperas de uma partida decisiva para a honra da cidade e para o futuro do "famigerado goalkeeper" Pé de Anjo, que não soubera evitar a vitória do adversário, o "Cascavel Futibol Club", no domingo anterior; desenlace feliz: Therezinha ganha de 2 a 0 e Pé de Anjo, que nem mesmo teve a oportunidade de defender bolas, é contemplado com "uma gloria merecida. Pois não tremêra tanto por ella?"...

As poucas palavras acima citadas já deixaram, sem dúvida, transparecer a grande estranheza que se depreende da leitura deste conto no tocante à sua "expressão" - e por expressão entendemos os aspectos lexicais, sintáticos e sobretudo ortográficos. Estes últimos se sobressaem de imediato por sua incoerência. Visto desconhecermos a data deste documento, tomemos a ortografia normativa, ora vigente, como ponto de referência; constatamos que arcaísmos ladeiam as mais ousadas realizações de ortografia fonética e que uma mesma palavra pode, inclusive, ostentar grafias disparatadas. Se considerarmos que os próprios estrangeirismos apresentam distorções (a exemplo de "gool" ao invés de "goal"), como interpretar o uso aqui feito da língua? Os "erros" seriam voluntários? Até que ponto?

Estas perguntas são reforçadas pelos próprios acréscimos de Sérgio Milliet nas margens superior e esquerda do primeiro fôlio. Fala aí em "*mistura das orthographias*" ao mesmo tempo em que se desculpa junto ao seu "mestre de português" num francês não de todo impecável. Estranha subversão da ordem "natural" das coisas: estes pós-escritos prefaciam o conto. Se a escritura cumpriu um "programa" (infringir a "lei" ortográfica), nada impede que tal propósito tenha sido arquitetado durante ou mesmo após a redação do conto, talvez para maquilar a real incompetência do "aluno vagabundo", como Milliet se auto-denomina... ou as falhas compreensíveis numa estória que o autor garante ter sido escrita "ao correr da pena" apesar da aparência limpa e fluente destas folhas, raramente observável em "*primeiros jatos*" de escritura literária...

Em suma, o que pode revelar a análise da escritura sobre o embate entre as escritas? Claro está que a história literária, a biografia de Mário de Andrade e de Sérgio Milliet bem como outros

1 Encontra-se na Pasta 46, OVA 198, do Arquivo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP. Agradecemos a Telê Porto Ancona Lopez pela generosidade com que colocou os documentos do Arquivo a nossa disposição.

documentos de ambos poderiam fornecer dados importantes a respeito das intenções ou das circunstâncias de escritura deste conto. Entretanto, nem sempre tais dados estão disponíveis e, principalmente, nem sempre o exame da escritura traz resultados que correspondem ao que sobre ela alega a crítica ou o próprio autor... Só a escritura em si oferece ao olhar o modo como o seu "scriptor" foi realizando a(s) escrita(s) (2). Ora, por um lado, as surpresas da escrita de Football e a própria "carta de intenções" contida nas notas marginais são um convite a uma exploração genética e, por outro lado, se o que importa para o torcedor de futebol é menos informar-se do resultado da partida do que acompanhá-la ao vivo em todos os seus lances, rastrear o desenrolar desta escritura "futibolar" será, como se verá abaixo, senão empolgante, pelo menos sobremaneira frutífero.

A ortografia na linha de mira ou um jogo poli-ortográfico entre a exceção e a regra

O levantamento exaustivo das surpresas que saltam aos olhos do leitor no que diz respeito à escrita nos leva a algumas poucas certezas.

Partindo-se das ocorrências que possuem exemplos e contra-exemplos no texto, é possível constatar que são sete os aspectos da discussão ortográfica envolvidos nesta carta-conto:

1. os dois "l" sem repercussão na pronúncia que poderiam ser reduzidos a um só na escrita. Ex.: "elle", "bello" x "daqule", "infallivel";
2. os grupos de duas consoantes das quais uma só é pronunciada, podendo-se suprimir a segunda na escrita. Ex.: "assumpto", x "assunto";
3. os grupos de duas consoantes que se pronunciam como uma só, já existente no alfabeto, podendo ser por ela substituídos na escrita. Ex.: "atmosfera" x "farmácia";
4. o "h" etimológico perfeitamente suprimível na escrita. Ex.: "honra" x "eroico", "erança", "istoricas";
5. o "x" que, pronunciado /s/ ou /z/, poderia grafar-se "s" ou "z". Ex.: "exemplo" x "esplicavel", "espressivos";
6. O "s" intervocálico que, pronunciado /z/, poderia grafar-se "z". Ex.: "defesa" x "defeza";
7. as vogais "o" e "e" que, obedecendo a certas pronúncias regionais, seriam substituídas por "u" e "i". Ex.: "domingo", "livre" x "cubiçada", "futibol".

Porém, deduzir disto que Milliet introduziu todas as "incoreções" com ousadia premeditada que talvez nem almejasse um rigor de execução sistemático seria, no mínimo, precipitado.

Com efeito, o que justificaria a grafia "realizou", por exemplo, contrária não só às normas de formação e escrita da palavra como também aquilo que parece ser uma tentativa de instituir uma ortografia fonética? A desconfiança aumenta ao se examinar a lista dos estrangeirismos e dos equívocos de expressão em português. A conjunção concessiva francesa "bien que" transparece claramente num "bem que o autor tenha indicada..." ao invés de "embora..." Um ato falho (mais conhecido como simples "falta de atenção") dá lugar ao "et" francês no papel da conjunção "e" do português. E o goleiro Pé de Anjo certamente não estava "de mãos cheias", ele apenas era um goleiro de "mão cheia".

Aliás, "goleiro" é o que ele não era, e sim, como já vimos, um "goalkeeper", pertencente a um "club" onde havia "teams", os quais possuíam "backs", se concentravam no "training" com vistas ao "match"... Mistério suplementar: muitas são as citações francesas e as alusões à cultura européia, francesa sobretudo. Este jargão de futebol bem poderia ter sido emprestado à língua inglesa via os hábitos "franglèses" em termos de léxico futebolístico. Seja como for, o narrador do conto não poupa a si próprio ironias quanto ao abuso pedante que é feito das citações em "lingua mundana e demi-mondaine", em apertes que demonstram o quanto é amplo o envolvimento do autor com as questões da língua e expressão. O fato é que, salvo a transgressão do "futibol" e do "futibolar", não há tentativa de abasileiramento do léxico importado do inglês.

Também a manutenção de plurais anti-fonéticos ("taes", "principaes") e demais estruturas morfológicas não condizentes com uma ortografia realmente fonética (europèa, "sahia", "influe"), assim como uma acentuação absolutamente desregrada parecem apontar para um interesse na reformulação ortográfica muito mais que para um repensar da gramática como um todo.

2 Podemos dar como definitiva a necessidade de distinguir "escrita" de "escritura". Leyla Perrone-Moisés já salientou, na sua Lição de Casa (In: BARTHES, R. Aula. São Paulo, Cultrix, s/d, p. 74-8), que "escrita" remete à materialização de idéias por meio de sinais (opondo-se à fala e à leitura) e "escritura" à "escrita do escritor". Para os estudos de gênese, escritura é o movimento em si de produção por um scriptor.

Resta que nossas perguntas básicas continuam sem resposta: Sérgio Milliet seria um militante da "pax orthographa" ou estaria ele submetido, em maior ou menor grau, a um estado de coisas ortográfico regido pela confusão geral ou por seu conhecimento pessoal falho da língua portuguesa?

É tempo de sondarmos a escritura.

Os (re)toques de pena ou a escritura/reescritura na marcação

Já salientamos o aspecto limpo e fluente destas cinco folhas enviadas a Mário de Andrade. Entretanto, um exame mais atento leva à descoberta de nada menos que cinquenta "tropeços" no ritmo da escritura. Explicando melhor, trata-se de quebras observáveis no fluxo da pena que corre sobre o papel, as quais testemunham o desdobramento permanente do scriptor em leitor de si próprio (3), quer para trazer algum reparo a uma letra mal traçada, quer para interromper uma palavra recém-esboçada ou já inteiramente escrita com o fim de alterá-la ou eliminá-la. É de fundamental importância salientar o quão tênue é a fronteira entre as intervenções "voluntárias" e as "involuntárias" naquilo que se escreve, em sentido passivo e em sentido reflexivo, já que inúmeros depoimentos de autores enfatizam a sensação de que estão sendo "puxados" pela escritura ao invés de sentirem que eles a estão "controlando". Muitos destes "tropeços" podem ser sinais de hesitação equivalente à ligeira gagueira ou balbuciar que acomete o falante enquanto "escolhe as palavras". Outros destes acidentes indicam uma presença mais mareada de auto-censura ou um envolvimento mais nítido com a intenção de (se) corrigir, por parte do scriptor.

Estas interrupções no "ductus" da escritura têm repercussão em dois níveis de análise. Podem, primeiramente, de acordo com sua frequência, permitir que se detecte o estágio redacional que se tem diante dos olhos. Por ora, ainda é necessário conhecer um certo número de documentos de dado scriptor para avaliar com segurança, diante de um manuscrito isolado, se este é um primeiro rascunho, uma cópia passada a limpo, uma etapa final de redação. Estudos em andamento já levantam parâmetros baseados, por exemplo, na identificação gráfica e semântico-lexical das paradas e retomadas da escritura, aptos a auxiliarem o geneticista a determinar a natureza incipiente ou adiantada de um manuscrito isolado.

No nosso caso específico, há índices de que a escritura é rápida: ela se "engasga" nas pernas de uma sucessão de letras repetidas ou semelhantes, tal como em "necessário" ou "abandonado", na primeira folha. Há quinze destas ocorrências ao longo do conto, mas podem provir tanto de um trabalho de cópia, onde a mão não consegue acompanhar a rapidez da leitura dos olhos que percorrem o rascunho recopiado, quanto de uma escritura de "primeira mão", e aí aquilo que a mão que segura a pena não consegue acompanhar é o fluxo dos pensamentos ou idéias.

Passando-se dos meros engasgos/tropeços às rasuras propriamente ditas, atinge-se um segundo plano de interesse, que vem somar-se ao anterior. A rasura vem a ser um grafema, um lexema ou um conjunto sintagmático riscados, resultando quer numa simples supressão, quer numa supressão seguida de acréscimo - o que caracteriza a substituição. As rasuras podem ser "imediatas" ou "tardias", estas últimas identificáveis graças à impossibilidade em que se encontra o scriptor de proceder à substituição no espaço normal da escritura, ou seja a linha, já que esta já foi ocupada, o que acarreta um acréscimo marginal, supra ou infra-linear. O fator "imediatos x tardios" contribui para a avaliação do dado "ao correr da pena", o qual tende a não apresentar senão rasuras imediatas. Já os resultados do exame da natureza e do objeto destas rasuras se prestam a determinar com mais afinco as preocupações do scriptor com o campo da "expressão" ou o campo do "conteúdo". (4)

Voltemos, pois, ao manuscrito de Sérgio Milliet. Nele nos deparamos com uma única correção gramatical (na primeira folha, "era" é substituído por "é") e uma única supressão, também relativa à gramática (em "uma educação muito eurapêa e uma vaidade muito humanas", "humanas" tem seu "s" final suprimido). O acréscimo do vocábulo "bom" à expressão "poema futurista" (resultando em "bom poema futurista") poderia ser interpretado como um caso de substituição não

3 Sobre esta questão da imbricação das duas atividades (escritura e leitura), cf. o trabalho já clássico de GRESILLON, A. e LEBRAVE, J.-L. Avant-Propos. In: *Langages* nº 69, março, 1983.

4 As limitações a que estamos submetidos no âmbito do presente artigo nos levam a uma série de simplificações. Preferimos, contudo, não pecar por omissão no tocante à intersecção e às distinções entre o plano da expressão e o do conteúdo na perspectiva da Crítica Genética, e remetemos ao estudo de REY-DEBOVE, J. Pour une lecture de la rature. In: *La genèse du Texte - Les Modèles linguistiques*. Paris, éd. du CNRS, 1982, p. 116-22.

sinonímica, já que o scriptor interrompe a escritura da palavra "poema" ainda na primeira letra, cortando-lhe a haste e transformando-a no "b" de "bom"; há apenas mais duas ocorrências deste tipo de substituição, sempre a nível da palavra, quando não da sílaba ou até mesmo da letra.

Excetuando-se quatro rasuras não decifráveis sem equipamento ótico especial, a exemplo da que antecede os "Abraços" na margem superior da primeira folha, tem-se que a grande incidência de "correções" recai sobre as substituições sinonímicas, com um total de dez ocorrências e, sobretudo, sobre as modificações ortográficas, que chegam a dezesseis. A primeira modalidade reflete a busca de termos mais específicos e diferenciados, isto é, mais "ricos" ou "literários". Veja-se, sempre na primeira folha, um "prof(undus)" interrompido e trocado por "enraizadas" ou o "mo(stra)" suprimido em favor de "demonstra".

Na segunda modalidade, observamos que as alterações se dão no sentido de "corrigir" ortografias hoje arcaicas, passando-as a uma grafia em conformidade com as normas atuais ou a uma ortografia ainda mais nitidamente fonética: "anno" tem seu segundo "n" escondido sob um largo "o", lendo-se "ano"; o "h" de "historicas" é veementemente rasurado, deixando um "istoricas"; na primeira folha, "bate-bocas" quase chegou a ser grafado numa palavra só, sem o hífen. É interessante notar que a própria assinatura final prefere a "Serge Milliet" um "Sérgio Milliet" onde o "i" veio camuflar o "e" original. Vale também salientar que as alterações ortográficas, praticamente ausentes no início do conto, elevam-se bastante a partir da segunda folha; "afirmou" é traçado com um "f" só, na primeira página, enquanto "afirmação", na terceira, sai com dois e acurreta uma rasura. "Assumpto" é conservado sem problemas no pós-escrito mas aparece no fôlio nº 3 como "assunto" munido de uma visível emenda entre o "n" e o "i"...

Cumpra agora concluirmos. Almuth Grésillon enfatiza que "a análise lingüística de um texto literário permite confrontar os suas estruturas lingüísticas com a norma lingüística em uso na época em que foi escrito; ela ajuda também a isolar o que Proust chamou de 'singularidades gramaticais' de um escritor e a refletir sobre a função das mesmas. Entretanto, as eventuais rupturas não são necessariamente um critério de qualidade literária". (5) Se deixamos claras nossas propostas de investigação, o que nos isenta aqui de comentar os aspectos propriamente "literários" do conto de modo mais sistemático, a questão da norma vigente na época não pode ser negligenciada. Ora, as ocorrências de escritura examinadas e sua distribuição fora (espaço dos pós-escritos) e dentro do conto apontam para um contraste: as tentativas de reformulação acontecem "dentro" do conto, que é assumido como escritura de "gênero" literário, merecedora de atenção especial; a linguagem das "mensagens ao destinatária" inscritas nas margens, por mais culta que seja, não parece engajada no compromisso de "fazer literatura", de "trabalhar" a expressão. Isto nos autoriza a ler esta última como portadora da norma lingüística e o "texto" em si como ruptura. Isto nos permite também deduzir que Sérgio-escritor dominava a norma da língua portuguesa, não sem fortes influências francesas.

Fica, desta forma, evidente, que o nosso objeto de estudo situa-se antes da entrada em vigor da ortografia simplificada instituída pelo acordo de 1931 e posta em prática em 1939. Os "arcaísmos" constatados eram, pois, a norma e Sérgio Milliet antecipava-se às reformas ortográficas ao usar o que é hoje a "ortografia atual" e o que chamamos de "ortografia fonética". Enfatizamos alguns tropeços e contradições ortográficas, mas o levantamento completo dos vocábulos presentes no texto revela que dezessete substantivos e adjetivos desrespeitaram a grafia normativa, moldando-se sem engasgos às leis atuais. Apenas para exemplificar, citemos, na primeira folha: "diretor" ao invés de "director", "atletica" em lugar de "athletica", etc, etc. Conseqüentemente, as modificações ou "correções" ortográficas não estavam senão introduzindo "erros" na escritura de maneira inteiramente consciente.

Por outro lado, se este manuscrito não possui realmente nenhuma etapa preparatória anterior, a idéia de proceder à infração das leis de ortografia pode ter ocorrido ao scriptor ao traçar a palavra "vitoria", na primeira linha, visto que se percebe um ligeiro engasgo no "i" (o que significaria um "victoria" atrofiado), ou ao escrever "Futibol" logo em seguida, que também ostenta uma emenda depois do "i" fonético inovador. A presença vívida destas duas quebras iniciais da norma se teria relaxado com a mudança de folha, o que explicaria o aumento sensível das "correções" ortográficas subversivas a partir da segunda página.

Contudo, se o scriptor não hesitou em fazer alterações sinonímicas, é estranho que não haja modificações mais amplas a nível sintático, nem rasuras tardias indicando uma releitura; surpreende igualmente o empate entre a quantidade de palavras modernizadas sem tropeços, já que uma

5 Cf. *Genèse du texte littéraire et production linguistique: quelques (pro)positions et deux exemples*. Texto apresentado no Colóquio A gênese do texto literário. Moscou, out/1985.

escritura "ao correr da pena" estaria mais sujeita aos automatismos e condicionamentos levando à grafia arcaica que vigorava na época. Fica, assim, confirmado o "exercício" descompromissado, que dispensou uma etapa de aprimoramento e sistematização no cumprimento do "programa"; mas parece também quase inquestionável que tenha existido alguma fase preparatória para este conto que preenche tão bem as exigências do "gênero" a que pertence, e para este manuscrito que se permite emendas sutis de sinonímia e nem pensa em reformulações mais extensas. Em suma, uma boa dose de improviso, alguns problemas de domínio do vernáculo e um grande envolvimento com as preocupações modernistas...

Final de partida ou o campo genético aberto aos outros campos...

Agora, o que nos trazem os demais documentos do Arquivo Mário de Andrade, bem como a história e a crítica literárias? A dupla confirmação das nossas certezas e das nossas incertezas. "Serge" (quando escrevia em francês) ou "Sérgio" (ao usar o português) mandava a Mário escritos que não eram o rascunho original; Mário, amigo, companheiro e cúmplice, emendava-lhe o português, encorajava-o à prática do "brasileiro" (empenhado como estava na elaboração da *Gramatiquinha*), partilhava com ele discussões antropofágicas repletas de citações francesas. *Football* chega às mãos de Mário de Andrade entre março e maio de 1923, com toda a sua carga de vanguardismo ortográfico e sua parcela de submissão à confusão normativa reinante no português, mesclada a uma vivência de longos anos na Suíça e em Paris (ou seja a um contato permanente com a língua francesa). (6) Esperar de Milliet a elaboração em "brasileiro" de todo o vocabulário do "nosso" esporte nacional, naquela época integralmente importado do inglês, seria, sem dúvida, exigir demais... Sérgio, aluno, sim, ao contrário de Serge, só que bastante esforçado, ou até adiantado...

Em contrapartida, o que não poderiam oferecer os movimentos ou "evoluções" da escritura (como sealaria das evoluções da bola num campo de futebol, ou das de uma dançarina...) para estudos da "evolução" lingüística, estilística no âmbito da crítica literária, da gramática histórica (ou seria "istórica"?), da lingüística comparada...? Afinal, estamos diante da fase de "estréia" de um literato bilíngüe, que em breve se tornaria brasileiro por opção e se destacaria no panorama crítico do pós-guerra; uma estréia, aliás, que - dividida entre o talento e a imaturidade - poderia elucidar alguns dos "fluxos e refluxos da crítica [de Milliet], ora negando ora admitindo (...) as aventuras mais radicais das vanguardas. No conjunto, fica a imagem de um esteta que recebeu a absoluta disponibilidade em que viveu a sua geração, a do modernismo 'heróico' de 22". (7) Estréia por si só "eróica" na sua busca de uma expressão-conteúdo autenticamente "tupy" (já que Oswald mantinha o "y"...), que se prestaria a um confronto com outras tantas buscas de uma literatura ao mesmo tempo popular e literariamente pessoal, no Brasil de 22, no Brasil de Guimarães Rosa... nos "exercícios (estilísticos)" de um Queneau... na torre de Babel de Joyce... em meio a engasgos e tropeços e retoques, onde erros e acertos se confundem, ou melhor, se fundem...

Lília Ledon da Silva

6 Sintetizamos aqui informações contidas em DUARTE, P. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, Hucitec, 1977, p. 286 sgs e em PINTO, E.P. *A Gramatiquinha - Texto e Contexto*. Tese de Livre Docência, USP, 1982, entre outras obras.

7 BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 423.